



## Federais constroem unidade em torno de manifesto em defesa dos serviços públicos e da democracia

O avanço do Estado de Exceção que marca as políticas de Estado Mínimo do governo que se instalou de forma ilegítima após o afastamento, em 2016, da presidenta eleita Dilma Rousseff foi um dos assuntos que permeou discussões e debates durante toda a Plenária Estatutária da Condsef/Fenadsef.

A atividade, que aconteceu na semana passada, reuniu mais de 240 delegados representando a maioria dos servidores federais em todo o Brasil. Mais de 20 estados estavam presentes.

O Sindsep/MA enviou uma delegação composta por 16 delegados, que foram eleitos no último dia 30 de abril, em Assembleia Extraordinária.

A Plenária Estatutária é uma das instâncias mais importantes de deliberação da base da Confederação. Além de mudanças no estatuto, este foi um momento importante onde aconteceram encontros de todos os setores da base da Condsef/Fenadsef.

Além disso, a maioria dos federais traçou planos para consolidar sua unidade em torno do combate ao cenário de crise e ataques ao setor público que têm sido reforçados pela condução de uma política de estado mínimo imposta pelo golpe.

A entidade vai participar de uma reunião dos principais fóruns (Fonasefe e Fonacate) que integram o conjunto dos servidores federais e vai defen-

der também lá a unidade dos servidores e da classe trabalhadora em torno da luta em defesa dos servidores, serviços públicos, da democracia e dos direitos conquistados.

Até o dia 15 a expectativa é de que um calendário de ações e atividades em torno da pauta dos servidores federais esteja aprovado. A revogação da Emenda Constitucional 95/16 e da Reforma Trabalhista aparecem como prioridade ao lado do cumprimento de todos os acordos firmados em 2015 com mais de 20 categorias do serviço público, da regulamentação do direito à negociação coletiva e garantia de uma data base.

Fonte: Condsef



## Invocação à mulher única

Por Vinícius de Moraes

Tu, pássaro – mulher de leite!  
Tu que carregas as lívidas glândulas do amor acima do sexo infinito.

Tu, que perpetuas o desespero humano – alma desolada da noite sobre o frio das águas – tu.

Tédio escuro, mal da vida – fonte! jamais... jamais... (que o poema receba as minhas lágrimas!...)

Dei-te um mistério: um ídolo, uma catedral, uma prece são menos reais que três partes sangrentas do meu coração em martírio.

E hoje meu corpo nu estilhaça os espelhos e o mal está em mim e a minha carne é aguda

E eu trago crucificadas mil mulheres cuja santidade dependeria apenas de um gesto teu sobre o espaço em harmonia.

Pobre eu! sinto-me tão tu mesma, meu belo cisne, minha bela, bela garça, fêmea

Feita de diamantes e cuja postura lembra um templo adormecido numa velha madrugada de lua...

A minha ascendência de heróis: assassinos, ladrões, estupradores, onanistas – negações do bem: o Antigo Testamento! – a minha descendência

De poetas: puros, selvagens, líricos, inocentes: O Novo Testamento afirmações do bem: dúvida

(Dúvida mais fácil que a fé, mais transigente que a esperança, mais oportuna que a caridade

Dúvida, madrasta do gênio) – tudo, tudo se esboroa ante a visão do teu ventre púbere, alma do Pai, coração do Filho, carne do Santo Espírito, amém!

Tu, criança! cujo olhar faz crescer os brotos dos sulcos da terra – perpetuação do êxtase

Criatura, mais que nenhuma outra, porque nasceste fecundada pelos astros – mulher! tu que deitas o teu sangue

Quando os lobos uivam e as seixas desacordadas se amontoam pelas praias – mulher!

Mulher que eu amo, criança que amo, ser ignorado, essência perdida num ar de inverno.

Não me deixes morrer!... eu, homem – fruto da terra – eu, homem – fruto da carne

Eu que carrego o peso da tara e me rejubilo, eu que carrego os sinos do sêmen que se rejubilam à carne

Eu que sou um grito perdido no primeiro vazio à procura de um Deus que é o vazio ele mesmo!

Não me deixes partir... – as viagens remontam à vida!... e por que eu partiria se és a vida, se há em ti a viagem muito pura

A viagem do amor que não volta, a que me faz sonhar do mais fundo da minha poesia

Com uma grande extensão de corpo e alma – uma montanha imensa e desdobrada – por onde eu iria caminhando

Até o âmago e iria e beberia da fonte mais doce e me enlanguesceria e dormiria eternamente como uma múmia egípcia

No invólucro da Natureza que és tu mesma, coberto da tua pele que é a minha própria – oh mulher, espécie adorável da poesia eterna!